

abc — É A TÉCNICA INIMIGA DO HOMEM?

Escreve-nos C. R. F., nosso leitor do Pôrto, uma carta em que diz o seguinte:

«Deixa-me admirado a vossa atitude perante o problema da técnica. Ao contrário do que eu esperava, «Sol Nascente» defende a aplicação da técnica moderna à indústria e à agricultura.

Tenho visto quais são as consequências de tal aplicação: o desemprego e a miséria (e muitas vezes, a degradação moral). Por isso me desgosta verificar que «Sol Nascente» defende uma coisa que eu, em nome dos homens, condeno como uma violenta injustiça.

Não podereis negar-me as consequências que aponto. Vejo todos os dias factos que as denunciam, sem contestação possível.

Homens de saber e sensatos têm condenado a técnica, as máquinas, chegando mesmo a pedir a sua destruição. Estou inteiramente de acôrdo. Na verdade, é absolutamente incontestável que as máquinas, poupando braços ao trabalho, atiram todos os anos com milhares e milhares de trabalhadores para o desemprego e, juntamente com as suas famílias, para a mais atroz miséria.

Ora eu, porque desejo o melhoramento do nível de vida do homem que trabalha, a sua dignificação, condeno a técnica, as máquinas, que para ele significam não só a impossibilidade de uma vida melhor, mas ainda a fome, a miséria e muitas vezes a sua degradação moral.

«Sol Nascente» parece animado dos mesmos desejos que eu.

E'me permitido, portanto, fazer esta pergunta:

Como concilia esses desejos com a defeza que faz da introdução cada vez maior da técnica, da maquinaria na agricultura e na indústria?»

Diz-nos C. R. F. que «a técnica, as máquinas atiram todos os anos com milhares e milhares de trabalhadores para o desemprego e, juntamente com as suas famílias, para a mais atroz miséria».

De-certo os leitores não julgam que ignoramos isto.

Sabemo-lo muito bem e não pretendemos ocultá-lo. Pelo contrário, achamos necessário que todos o saibam.

Mas o nosso leitor C. R. F. encara abstractamente a questão. Liga à técnica, às máquinas determinadas consequências—desemprego, miséria, abaixamento moral. E' certo que *actualmente*, na maioria dos países, as consequências são essas. De modo algum o negamos. Mas a grande questão está nisto: o nosso leitor C. R. F. não relaciona a técnica, as máquinas, o desemprego e a miséria com as condições do desenvolvimento económico e social.

E isto é para nós o mais importante. Sem essa relação, a atitude de «Sol Nascente» será incompreensível, poderá mesmo parecer anti-humana. Nada, porém, mais falso, como veremos.

Dissemos que C. R. F. via a questão abstractamente. Realmente éle considera determinados males sociais como *indissolúvelmente* ligados à técnica, às máquinas. E isto porque apenas vê os males que aponta e a técnica, as máquinas, não atendendo às condições em que a sua utilização se faz—às condições económicas e sociais (e aqui está a abstracção).

Devemos desde já salientar o seguinte: as máquinas, a técnica em geral, são *meios* e, como tal, podem servir *fins* diferentes.

Da introdução da técnica na indústria e na agricultura, dentro do sistema económico liberal (capitalismo) resultaram o abaixamento dos salários, o desemprego, a miséria, e, como consequência de tudo isto, o abaixamento moral de muitos trabalhadores. Nem outras consequências poderiam ter resultado, sob pena de o próprio sistema ter de mudar. Mas, note-se, isto dá-se dentro do sistema económico liberal, vigente ainda na maioria dos países.

Caracteriza-se este sistema pela iniciativa privada na produção, pela separação do capital e do trabalho (isto é: serem fornecidos por pessoas diferentes), pela repartição correspondente do rendimento em salários e lucros, e pela concorrência, mais ou menos livre, mais ou menos atenuada por certos organismos (contrôle do Estado, corporações económicas, etc.).

na linha quebrada da nossa época...

1

A propósito do desemprego crescente, dizia-nos um ingénuo:—Se éle aumenta é porque o que há é muita preguiça.

Recordámos-lhe os exemplos tão dele conhecidos dos médicos, dos professores, dos engenheiros, de tantos diplomados e tantos que não tiveram a possibilidade de tirar diplomas, que erram por todas as terras com um desejo intenso de trabalhar e viver. Esse facto tão espalhado por todos os cantos do país, faz que quando se abre uma possibilidade de trabalho, os concorrentes se apresentem quasi sempre em bichas enormes, saindo de todos esses peitos inquietos, este comentário que é já uma fórmula:

—Está tudo cheio!

No entanto não há técnicos demais, visto que os problemas mais importantes continuam sem solução. Morre-se sem assistência médica, continua o desconcertante analfabetismo, a terra não é trabalhada com os meios técnicos actuais, etc., etc. Se as possibilidades de trabalho não aparecem a não ser com muitíssimas dificuldades, isso é consequência, não de um aumento de preguiças particulares, mas do agravamento cada vez mais pronunciado da crise. As preguiças

nada têm que ver com a explicação deste fenómeno histórico. Por isso também a cura do mal não poderá encontrar-se nos simples remédios psicológicos como as tradicionais reacções morais, mas numa profunda modificação das condições em que trabalhamos.

2

A moral amorosa impregnada de interesses de propriedade, estabeleceu como facto natural que o homem *possuía* a mulher, e que esta, pelo contrário, se lhe *abandonava*. Ora o que é natural é a unidade que se estabelece entre dois seres independentes.

Se se sustentasse que a realização do amor só seria admissível como meio de geração, toda a pessoa que tivesse 5 filhos apenas podia normalizar-se 5 vezes na vida. Angústia, insatisfação, absorção das energias, nevrose, seriam as desastrosas consequências.

(Dr. Wilhelm Reich)

3

A vida conjugal de muitos é um inferno. Caberia fazer

O lucro é a diferença entre o produto da venda e as despesas feitas para produzir as mercadorias. Há concorrência entre os produtores e, claro está, concorrerá em melhores condições aquêle que menores despesas fizer com a produção. Ora a máquina permite ao dono da empresa uma economia considerável nessas despesas.

Diz na sua carta C. R. F. que a máquina poupa braços. Não está certo: *essencialmente*, a máquina poupa esforços. Dentro do sistema económico actual, claro está, poupa braços. O dono da empresa não vai, porque comprou uma máquina, diminuir as horas de trabalho aos operários. Dispensa um certo número dêles, substituindo-os pela máquina, substituição que, para éle é vantajosa. Daqui vem o desemprego (que ainda faz baixar os salários sem que isso, todavia, aproveite aos desempregados), a miséria, o abaixamento da moral.

Estas são as consequências da introdução da técnica moderna, da máquina, na agricultura e na indústria, dentro do sistema económico liberal.

Mas será assim dentro de outro sistema económico, em que o trabalho humano não seja considerado uma mercadoria como qualquer outra, e, como tal, sujeito às mesmas leis da oferta e da procura (como sucede no sistema económico liberal)?

A máquina é *actualmente* utilizada contra o homem (contra a quasi totalidade dos homens). Mas, como dissemos, a técnica em geral, as máquinas são *meios* e podem servir fins diversos. Podem perfeitamente ser aproveitadas em benefício do homem (e essa é a sua verdadeira função), evitando-lhe perigos e poupando-lhe esforços e, pelo aumento do rendimento do trabalho que da sua aplicação resulta, tornando possível o melhoramento das suas condições materiais de existência, derivando ainda de tudo isto a possibilidade de *cultura integral do homem*, que aqui temos defendido e de melhoramento das relações entre os homens. E' justamente isto o que nós desejamos, o que temos defendido na nossa revista, e, sem a técnica moderna nunca poderíamos conseguí-lo.

Foi o sistema económico liberal, com a concorrência, que deu lugar ao aparecimento e desenvolvimento desta té-

cnica. A técnica moderna, pelo considerável aumento do rendimento do trabalho que permite, torna possível ultrapassar o sistema económico que lhe deu origem, o aparecimento e consolidação de outro sistema fundado em bases diferentes. E' claro que, com o desaparecimento do sistema desaparecerão também as relações sociais dêle resultante, tudo aquilo que lhe está ligado. Torna-se, portanto, compreensível a reacção de muitas pessoas perante este estado de coisas, que querem salvar a todo o custo o sistema em desagregação. Para isso, a tudo se recorre—destroem-se produtos para não *envilecer* os preços, limitam-se as aplicações da técnica moderna, etc. E isto porque se sabe que o livre desenvolvimento da *força*, que é a técnica, levaria à queda irremediável das *formas* derivadas do velho sistema, ao desaparecimento de relações e privilégios que muita gente tem interesse, bem compreensível, aliás, em conservar. (1)

Torna-se agora claro o que querem as tais *pessoas de saber e sensatos* de que o nosso leitor nos fala, e que amaldiçoam a técnica e as máquinas, propondo limitações ao aproveitamento da técnica moderna e um regresso ao *equilíbrio* do artesanado medieval, etc. (como, por exemplo, o sr. Joseph Callaux).

Tudo isto são frases, saídas mais ou menos habilidosas que visam a conservar o velho sistema, suprimindo tudo aquilo que, por natural evolução dêsse mesmo sistema, possa levar ao seu desaparecimento.

Em conclusão: a técnica não é inimiga do homem; alguns homens é que são inimigos da técnica e dos outros homens.

(1) E' por tudo isto que não concordamos com o eutopismo, do Sr. António Sérgio, que se quer ajoelhar diante de todos os homens para os convencer dos benefícios da técnica moderna. Eles bem os conhecem, Sr. António Sérgio, e é justamente porisso que alguns se defendem encurvadamente: *desses benefícios!*...

5

Supões que não nos importa o que faz cada um? E' a isso pelo contrário que prestamos o melhor da nossa atenção. Desejariamos até que aqueles que vivem no isolamento, na incompreensão silenciosa, se apegassem a uma obra fecunda. Porque não tentas sair assim do teu estéril sofrimento?

6

Lamentaste que certos pensamentos quizessem ficar apenas no papel. Isso indignou-te e muito justamente. Porque o papel é um instrumento e os pensamentos são também instrumentos.

7

Há realmente novas gerações e essas gerações pertencem ao futuro. Mas a questão dos novos e dos velhos é uma questão que tem de pôr-se de parte. Façamos antes como dizia o jovem Vlassov:

Não falemos de novos nem de velhos! Vejamos antes qual é a melhor opinião.